

JOSÉ MARTÍ E PAULO FREIRE:
A educação como obra de infinito amor

JOSÉ MARTÍ AND PAULO FREIRE:
Education as a work of infinite love

JOSÉ MARTÍ Y PAULO FREIRE:
La educación como obra de amor infinito

JOSÉ MARTÍ ET PAULO FREIRE :
L'éducation comme œuvre d'amour infini

Maristela Sena dos Santos

Mestra em História (UEMA) e graduanda da Licenciatura Interdisciplinar em Estudos Africanos e Afro-Brasileiros (LIESAFRO), Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Maranhão, Brasil

sena.maristela@discente.ufma.br

<https://orcid.org/0009-0001-8770-2800>

Viviane de Oliveira Barbosa

Doutora em Estudos Étnicos e Africanos (UFBA) e em História (UFF); Docente da LIESAFRO e do PROFHISTÓRIA, na Universidade Federal do Maranhão; docente do curso de História e do PPGHIST, na Universidade Estadual do Maranhão, Maranhão, Brasil

viviane.barbosa@ufma.br

<https://orcid.org/0000-0002-3555-7461>

Recebido em: 23/01/2025

Aceito para publicação: 23/04/2025

Resumo

A América Latina detém um espaço considerável no panorama pedagógico internacional, reconhecido hoje especialmente na obra do brasileiro Paulo Freire (1921-1997), que remonta aos diálogos com outro grande educador, José Martí (1853-1895), responsável pela construção da teoria pedagógica em solo cubano. A contribuição de José Martí ajudou a pensar uma ação educativa voltada à realidade de nossas escolas latino-americanas. O objetivo deste trabalho é apresentar as ideias de Martí sobre educação a partir de sua perspectiva apontada para a educação popular, para a emancipação em relação à colonização (no caso, espanhola) e para a conquista da autodeterminação dos cidadãos cubanos, dentre eles os escravizados negros. Ao mesmo tempo, pretende-se observar alguns pontos de convergência entre a obra de Martí e de Freire, na tentativa de aproximar os campos de conhecimento científico produzidos por eles, tendo como motor a prática da liberdade. Desse modo, a metodologia tem como base a análise dos livros *Educação em nossa América* – Textos selecionados de José Martí, e *Educação como prática da liberdade*, de Paulo Freire. Assim como Martí, Freire concebe a educação como uma prática para além das questões pedagógicas. Para o pedagogo brasileiro, revolução implica a consciente participação das massas.

Palavras-chave: José Martí, Paulo Freire, Educação Popular, Pedagogia Latino-americana.

Abstract

Latin America holds a considerable space in the international pedagogical panorama, recognized today especially in the work of the Brazilian Paulo Freire (1921-1997), which dates back to dialogues with another great educator, José Martí (1853-1895), responsible for the construction of pedagogical theory on Cuban soil. José Martí's contribution helped to think about an educational action focused on the reality of our Latin American schools. The objective of this work is to present Martí's ideas about education from his perspective focused on popular education, emancipation from colonization (in this case, Spanish) and the achievement of self-determination for Cuban citizens, including black slaves. At the same time, we intend to observe some points of convergence between the work of Martí and Freire, in an attempt to bring together the fields of scientific knowledge produced by them, with the practice of freedom as their driving force. Thus, the methodology is based on the analysis of the books *Educação em nossa América – Textos selecionados* by José Martí, and *Educação como prática da liberdade*, by Paulo Freire. Like Martí, Freire conceives education as a practice beyond pedagogical issues. For the Brazilian pedagogue, revolution implies the conscious participation of the masses.

Keywords: José Martí, Paulo Freire, Popular Education, Latin American Pedagogy.

Resumen

América Latina ocupa un espacio considerable en el panorama pedagógico internacional, reconocido hoy especialmente en la obra del brasileño Paulo Freire (1921-1997), que se remonta a diálogos con otro gran educador, José Martí (1853-1895), responsable de la Construcción de la teoría pedagógica en suelo cubano. El aporte de José Martí ayudó a pensar una acción educativa enfocada a la realidad de nuestras escuelas latinoamericanas. El objetivo de este trabajo es presentar las ideas de Martí sobre educación desde su perspectiva centrada en la educación popular, la emancipación de la colonización (en este caso española) y el logro de la autodeterminación de los ciudadanos cubanos, incluidos los esclavos negros. Al mismo tiempo, nos proponemos observar algunos puntos de convergencia entre la obra de Martí y Freire, en un intento de acercar los campos del conocimiento científico producidos por ellos, con la práctica de la libertad como motor. Así, la metodología se basa en el análisis de los libros *Educação em nossa América – Textos selecionados* de José Martí, y *Educação como prática da liberdade*, de Paulo Freire. Al igual que Martí, Freire concibe la educación como una práctica más allá de las cuestiones pedagógicas. Para el pedagogo brasileño, la revolución implica la participación consciente de las masas.

Palabras clave: José Martí, Paulo Freire, Educación Popular, Pedagogía Latinoamericana.

Résumé

L'Amérique latine occupe une place considérable dans le panorama pédagogique international, reconnue aujourd'hui notamment dans l'œuvre du Brésilien Paulo Freire (1921-1997), qui remonte aux dialogues avec un autre grand éducateur, José Martí (1853-1895), responsable de la construction de la théorie pédagogique sur le sol cubain. La contribution de José Martí a permis de réfléchir à une action éducative centrée sur la réalité de notre écoles latino-américaines. L'objectif de ce travail est de présenter les idées de Martí sur l'éducation dans une perspective centrée sur l'éducation populaire, l'émancipation de la colonisation (dans ce cas, espagnole) et la réalisation de l'autodétermination des citoyens cubains, y compris les esclaves noirs. En même temps, nous entendons observer quelques points de convergence entre les travaux de Martí et de Freire, dans une tentative de rapprocher les domaines de connaissance scientifique produits par eux, avec la pratique de la liberté comme moteur. Ainsi, la méthodologie est basée sur l'analyse des livres *Educação em nossa América – Textos selecionados* de José Martí, et *Educação como prática da liberdade*, de Paulo Freire. Comme Martí, Freire conçoit l'éducation comme une pratique au-delà des questions pédagogiques. Pour le pédagogue brésilien, la révolution implique la participation consciente des masses.

Mots-clés: José Martí, Paulo Freire, Éducation Populaire, Pédagogie Latino-américaine.

Introdução

A América Latina detém um espaço considerável no panorama pedagógico internacional, reconhecido hoje especialmente na obra do brasileiro Paulo Freire (1921-1997), que remonta aos diálogos com outro grande educador, José Martí (1853-1895), responsável pela construção da teoria pedagógica em solo cubano, e que, anteriormente a Freire, exercitava seu pensamento incorporado à reflexão e à prática. José Martí fez da emancipação de Cuba a grande causa de sua vida. “A educação era parte dessa luta política que, no cenário da época se colocava como urgência absoluta para o desenvolvimento da nação” (Streck, 2008, p. 53).

José Martí nasceu no século XIX, marco das revoluções liberais, e Paulo Freire se apresentou ao mundo mais de 50 anos depois, em meio às revoluções socialistas. Os movimentos revolucionários que adentraram o século XX receberam influências da luta pela independência das colônias inglesas na América (1776) e da Revolução Francesa (1789), que questionava o Antigo Regime, a ordem social que o amparava, os privilégios da aristocracia, o sistema de monopólios, o absolutismo real e o poder divino dos reis. Esses movimentos revolucionários afirmavam a igualdade dos homens perante a lei, o direito à vida, à liberdade, à expressão, ao credo, à segurança, à propriedade, à felicidade, e contribuíram para a emancipação dos escravizados e a independência das colônias latino-americanas, com destaque à independência do Haiti (1804), onde o protagonismo negro foi notável.

Durante o século XIX, Cuba foi confrontada com três tendências que poderiam provocar consequências futuras.

Uma delas, reformista, apostava na possibilidade de um processo emancipatório gradual, sem enfrentamentos militares; outra, chamada de anexionista, apoiava a anexação de Cuba aos Estados Unidos; a terceira, independentista, propunha um rompimento definitivo com a metrópole espanhola e a independência em relação ao império que se constituía ao norte. Martí lutou e morreu pela última alternativa (Streck, 2008, p. 17).

No contexto descrito abaixo pela historiadora Emília Viotti da Costa, Cuba foi a última colônia da América Latina a libertar-se da Espanha, em 1898.

O desenvolvimento da indústria e do comércio, a revolução nos meios de transportes, os progressos tecnológicos, o processo de urbanização, a formação de uma nova classe social – o proletariado – e a expansão imperialista dos países europeus na África e na Ásia geravam deslocamentos, conflitos sociais e guerras em várias partes do mundo. Por toda a parte os grupos excluídos defrontavam-se com novas oligarquias que não atendiam às suas necessidades e não respondiam aos seus anseios. Estes extravasavam em lutas visando tornar mais efetiva a promessa democrática que a acumulação de riquezas e poder nas mãos de alguns, em detrimento da grande maioria, demonstrara ser cada vez mais fictícia. A igualdade jurídica não encontrava correspondência na prática; a liberdade sem a igualdade transformava-se em mito; os governos representativos representavam apenas uma minoria, pois a grande maioria do povo não tinha representação de fato. Um após

outro, os ideais presentes na Declaração dos Direitos do Homem foram revelando seu caráter ilusório (Costa, 2004, p. 8-9).

Segundo a análise de Streck (2008), José Martí viveu em um tempo profundamente marcado pelo fortalecimento da luta pela independência das repúblicas latino-americanas e, em se tratando de Cuba e Porto Rico, a batalha era diante da Espanha. É necessário lembrar que Martí lutou contra o domínio espanhol, sem fechar os olhos para a política expansionista dos Estados Unidos direcionada à América Latina, questionando também o “gigante com botas de sete léguas”, como ele denominava o país do norte da América.

Vivendo parte do exílio na cidade de Nova York, “Martí via o crescimento desse país vizinho com um misto de admiração e receio. Admiração pelos avanços no cultivo da terra, na incorporação das novas tecnologias e pela educação pública” (Streck, 2008, p. 17). O temor se dava pela percepção de que os Estados Unidos se organizavam como uma potência imperialista, o que ameaçava a soberania das nações latino-americanas no continente. “O fato de defender ardentemente a independência de Cuba tinha um caráter continental e global no sentido de garantir, como dizia, o equilíbrio do mundo ao impedir o avanço imperialista dos Estados Unidos” (Streck, 2008, p. 21).

O final das guerras civis do século XIX propiciou o processo de reorganização nacional dos países latino-americanos por volta dos anos 1880, e conseqüentemente, a criação dos seus sistemas educativos. Como assinala Carlos Alberto Torres:

La constitución del estado-nación tuvo entre sus principios los siguientes: la creación de fuerzas armadas unificadas; la promulgación de constituciones nacionales basadas em los principios emanados de la Carta Magna inglesa, la Revolución Americana y la Revolución Francesa, es decir constituciones netamente liberales; la formulación de una política explícita de defensa de la lengua casi como defensa de la soberanía del país; y por supuesto, la extensión gradual y progresiva de la escolaridad gratuita y obligatoria a todas las capas sociales (Torres, 2001, p. 26-27).

Raúl Fornet Betancourt (1998 apud Streck, 2008, p. 26) vê em Martí o inaugurador do que poderia ser identificado como um pensamento filosófico latino-americano, que teria, entre suas características, a polifonia, emprestando voz ao crioulo, ao índio e ao afro-americano. Trata-se também de um pensamento a partir da margem, feito na perspectiva dos oprimidos. A inspiração martiana livra a filosofia de dogmatismos e da repetição pedante, assumindo o risco de pensar a realidade com base nas circunstâncias concretas. O pensamento de Martí era, portanto, uma proposta muito revolucionária para sua época e inspirou sonhos futuros.

Reinerio Arce (1996 apud Streck, 2008, p. 26) reconhece em Martí a base para um pensamento teológico latino-americano. Seus escritos estão perpassados pela crítica à religião mancomunada com os poderosos, ao mesmo tempo em que profeticamente reconhecia no cristianismo essencialmente a religião dos pobres e para os pobres. A nova religião na nova sociedade só poderia estar assentada sobre a liberdade fundada na razão. Mas não se trata, em Martí, de uma racionalidade fria e calculista. A verdadeira religião é para ele “a poesia do mundo vindouro”.

Em relação ao texto clássico *Nuestra America*, no qual José Martí escreve sobre sua percepção de América Latina – [...] “não há pátria em que o homem possa ter mais orgulho do que em

nossas doloridas repúblicas americanas” (Martí, 1891 apud Streck, 2007, p. 53) –, o sociólogo Boaventura de Sousa Santos (2006 apud Streck, 2008, p. 27) analisa que não estamos diante de um projeto político, mas de uma nova ideia de subjetividade e de sociabilidade. O que caracteriza essa forma de ser e de viver é a permanente transitoriedade, o existir nas fronteiras, em que, junto com a persistente colonialidade do poder, pulsa um “otimismo visceral” derivado da esperança.

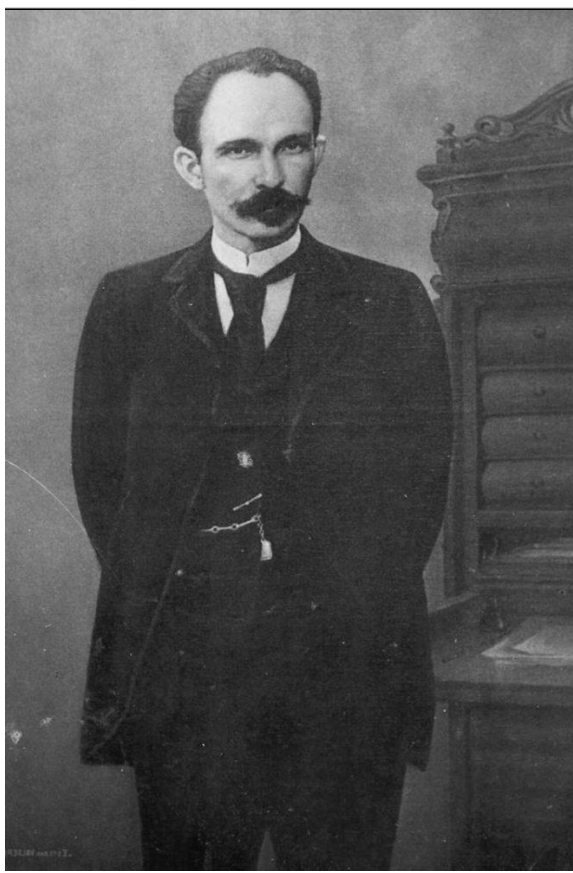
Paulo Reglus Neves Freire nasceu no dia 19 de setembro de 1921, no Recife, Pernambuco, em um contexto brasileiro da antiga República, quando paulistas e mineiros se revezavam no poder nacional, o país ainda era predominantemente rural e a maioria da sociedade, como a dele, no nordeste brasileiro, era esquecida e invisibilizada pelas elites locais. Embora tenha se formado em Direito, Freire não seguiu a profissão e preferiu dedicar-se à formação de jovens e adultos trabalhadores. Dialogando com os marxismos e a fenomenologia existencialista, Freire questionava os abusos do capitalismo e acreditava na democratização do saber, numa educação como prática transformadora.

Em 1995, Maristela Sena trabalhava como repórter na redação da Rede A de Jornais de Bairro, em São Paulo, e teve a oportunidade de entrevistá-lo, em sua casa, no bairro do Sumaré, quando ele falou sobre sua luta pela melhoria da educação no Brasil, sua indignação diante da miséria reservada à maioria das populações e como se tornou um professor. Parte dessa entrevista estará aqui nas análises trazidas por este artigo, bem como os escritos de Martí e sua produção compilados por estudiosos de suas obras e pensamento.

Os planos de José Martí para a educação

A contribuição de José Martí ajudou a pensar uma ação educativa voltada à realidade das escolas latino-americanas a partir de sua perspectiva apontada para a educação popular, para a emancipação da colonização (no caso, espanhola) e para a conquista da autodeterminação dos cidadãos cubanos, dentre eles os escravizados negros.

Imagem 1: José Martí



Enxerte-se em nossas repúblicas o mundo; porém, o tronco há de ser o de nossas repúblicas. E cale-se o pedante vencido; porque não há pátria em que o homem possa ter mais orgulho do que em nossas doloridas repúblicas americanas (Martí, 1891 apud Streck, 2007, p. 53).

Fonte: Cuban Studies Institute

O livro *Educação em nossa América* – textos selecionados de José Martí, publicado pela Editora Unijuí em 2007, chama a atenção pelo número de escritos dedicados à educação. São vinte artigos selecionados pelo organizador da publicação, Danilo Streck, que apresenta a obra orientando o leitor para o que ele descreve como uma leitura pedagógica. E justifica a ação de levar o pensamento de Martí ao público pedagógico brasileiro, dentre outros argumentos, “pela necessidade de, no Brasil, aprofundar a nossa identificação como latino-americanos” (Streck, 2007, p. 14). Segundo Streck (2007), talvez não seja indicado falar de uma pedagogia latino-americana como um campo isolado de outros contextos da produção de saberes sobre educação, mas convém reconhecer que nessa parte do mundo houve e continua havendo uma produção pedagógica que contribui para compor o diversificado mundo da educação.

José Martí, no exercício do jornalismo, já encarava esse desafio da inserção no mundo da modernidade a partir de elementos que compõem “nossa identidade, em função de um verdadeiro desenvolvimento, não a serviço dos grandes interesses dominantes no planeta, e que propicie a mais elementar justiça social dentro da região que ele chamou de nossa América” (Rodriguez, 2008, p. 7-8). Para Martí, nossa América não é somente

uma identificação geográfica, mas um conceito que remete à alma de um povo, a uma forma de ser no mundo com uma natureza própria, ou seja, com as suas raízes e sua construção histórica. Encontra-se, no construto político nossa América, uma primeira afirmação de um postulado que se tornou senso comum na pedagogia

latino-americana: que a educação precisa ter a realidade social e cultural, a vida concreta das pessoas, como ponto de partida (Streck, 2008, p. 12).

Há em José Martí sinais de uma concepção pedagógica que, na metade do século XX, viria a ser conhecida como educação popular e que se constitui como uma proposta político-pedagógica que, emergindo do movimento dos setores subalternos da sociedade, procura respeitar a diversidade de saberes e o protagonismo de homens e mulheres de nossa América (Streck, 2008, p. 13-14).

Educação popular não quer dizer exclusivamente educação da classe pobre; mas que todas as classes da nação, que é o mesmo que o povo, sejam bem educadas. Assim como não há nenhuma razão para que se eduque o rico e não o pobre, que razão há para que se eduque o pobre e não o rico? Todos são iguais (Martí, 2001 apud Streck, 2008, p. 82).

Na visão de José Martí, a finalidade maior da educação é a própria vida. A educação é o instrumento através do qual se pode direcionar as forças de um povo para a autorrealização. Assim dizia: “Quando todos os homens souberem ler, todos os homens saberão votar e como a ignorância é a garantia dos extravios políticos, a consciência própria e o orgulho da independência garantem o bom exercício da liberdade” (Martí, 2001 apud Streck, 2008, p. 56).

Ao reconhecer que a ignorância do povo se apresentava como resultado de relações sociais injustas, Martí assume uma atitude radical de denúncia e projeta um horizonte para a educação nas novas sociedades.

A educação há de ir aonde vai a vida. É insensato que a educação ocupe o único tempo de preparação que tem o homem, em não prepará-lo. A educação há de dar os meios de resolver os problemas que a vida vai apresentar. Os grandes problemas humanos são: a conservação da existência; - e a aquisição dos meios de torná-la grata e pacífica (Martí, 2001 apud Streck, 2008, p. 56-57).

Segundo a análise de Danilo Streck (2008, p. 57), José Martí abordou pautas do seu programa pedagógico nas quais a referência central é a vida tal como ela é e tal como ela poderia ser. A vida vivida, com suas contradições, é ponto de partida necessário, mas não ponto de chegada. Essa é a utopia da dignidade e da liberdade para cada pessoa e para todos os povos e defendida por Martí em sua militância política e em seus escritos.

Por educação se vem entendendo a mera instrução, e por propagação da cultura o imperfeito e moroso ensino de modos de ler e escrever. Um conceito mais completo da educação colocaria nos trilhos esta máquina acesa e fumegante que já vem rugindo pela selva, trazendo em suas entranhas as dores reais, desnecessárias e injustas de milhões de homens. E seria então mensageira de vida aquela que – guarde-nos Deus – vem por cima ao som do tambor de ódio, com todos os arreios selvagens da guerra (Martí, 2001 apud Streck, 2008, p. 57).

Em seu artigo *Educação científica*, de setembro de 1883, José Martí expressa sua preocupação sobre a necessidade da criação de escolas técnicas sem que se excluísse lições teóricas e práticas e o caráter humanista da educação.

Que se troque do escolástico para o científico o espírito da educação; que os cursos de ensino público sejam preparados e graduados de maneira que desde o ensino

primário até o final e titular, a educação pública vá desenvolvendo, sem subtrair dos elementos espirituais, todos aqueles que requer para a aplicação imediata das forças do homem às da natureza. Divorciar o homem da terra é um atentado monstruoso. E isso é meramente escolástico: esse divórcio. Às aves, asas; aos peixes, membranas; aos homens que vivem na natureza, o conhecimento da natureza: essas são suas asas. E o único meio de coloca-las é fazer de modo que o elemento científico seja como que o osso do sistema de educação pública. Que o ensino científico vá, como a seiva nas árvores, da raiz ao topo da educação pública. Que o ensino elementar seja amplamente científico: que em vez de história de Josué se ensine a da formação da Terra (Martí, 1883 apud Streck, 2007, p. 76).

José Martí defendia a educação promotora do conhecimento teórico aliado a práticas. Na visão de Schütz,

a educação científica ganha importância no conceito educacional de Martí quando associada ao desenvolvimento de novas técnicas de trato da terra, aliando o conhecimento teórico (científico) ao prático (conhecimento informal do homem) e tornando a educação um ser vivo, que orienta e auxilia diariamente a vida no campo. O ensino de ciências não é um ensino restrito às disciplinas naturais, mas trata-se de uma total reorganização da educação pública, tendo a ciência como condutor das práticas educativas, tornando todo o ensino um estudo científico (Schütz, 2010, p. 52).

No texto *Extrato de Trabalho Manual para as Mulheres*, publicado no jornal *La Nación*, de Buenos Aires, em agosto de 1889, embora o título possa ser inadequado para os nossos dias, o conteúdo evidencia algumas linhas de um pensamento progressista em termos de gênero.

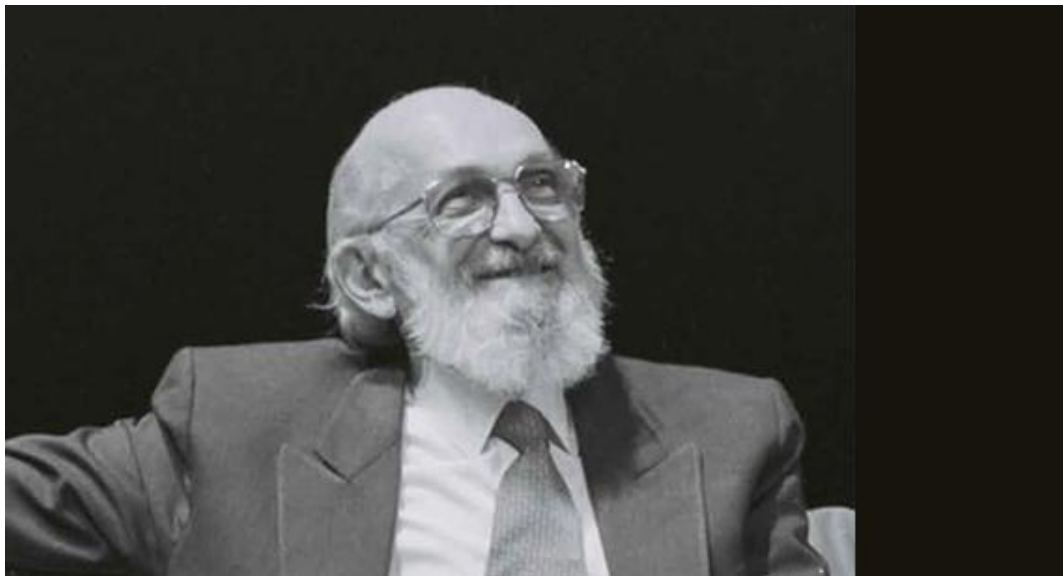
Afirma o diretor de um colégio misto de meninos e meninas nos Estados Unidos que, pelo menos no que ele observou em 12 anos no colégio Swarthmore, não há diferença alguma na capacidade intelectual dos meninos e das meninas submetidos à mesma educação e sistema e às mesmas influências exteriores. De forma igual e com estrita justiça se teve de repartir os prêmios do colégio entre meninos e meninas, e, quando houve excesso de alguma parte, foi em favor das meninas. Para este observador, não há mais diferença por causa do sexo entre seus alunos do que por causa da cor de seus cabelos enquanto são considerados por suas capacidades como alunos. Crê, antes, que os meninos aproveitam muito do relacionamento com as meninas, das quais adquirem perspicácia, generosidade e doçura. E para as meninas é ainda mais útil o relacionamento com os meninos, o qual as livra dessa timidez, falta de relacionamento e desconhecimento do espírito dos homens que costumam causar mais tarde tão grandes e irremediáveis infortúnios em sua vida (Martí, 1889 apud Streck, 2007, p. 135)

Paulo Freire e sua trajetória na educação

Quando falamos de Freire e de seu método histórico, podemos destacar uma forma dialética de expressar o pensamento sem que se separe teoria e prática, como faziam os positivistas clássicos. “Em sua obra, teoria, método e prática formam um todo, guiado pelo princípio da relação entre o conhecimento e o conhecedor, constituindo, portanto, uma teoria do

conhecimento e uma antropologia nas quais o saber tem um papel emancipador” (Gadotti, 1996, p. 85).

Imagem: Paulo Freire



Fonte: Acervo Paulo Freire

Na oportunidade da entrevista já citada, o patrono da educação brasileira contou sobre sua trajetória que levou a sua inserção na educação:

Tinha já na infância e na adolescência curiosidades muito específicas da prática docente. Gostava tanto de dar aulas que brincava comigo mesmo. Aos 19 anos, comecei a dar as primeiras aulas para companheiros de sintaxe da língua portuguesa, houve um momento em que não sabia se eu estava no real ou no imaginário. Quero dizer o seguinte: no nível da fantasia eu era tão verdadeiro como professor quanto praticando de verdade. Nesse sentido é que é possível dizer que desde menino era um professor, mas na verdade eu me fiz professor. No fundo, descobri ainda na faculdade de direito que não era exatamente aquilo que queria. Continuei o magistério influenciado por minha primeira mulher [a professora primária, Elza Maria Costa Oliveira], uma grande educadora. Meus amigos diziam brincando que eu era a teoria da prática dela. O sonho de dar aula foi se ampliando. Num certo momento, o sonho não era só apenas dar aula, mas sim formar, fazer alguma coisa mais ampla do que o puro ensino que para mim não existe. Você ao ensinar, educa. E, ao educar, ensina. Preocupei-me com a história da formação brasileira que implicava a história da educação e comecei a fazer uma crítica severa à escola, ao autoritarismo e ao elitismo na educação brasileira (Sena, 1995, p. 3).

Em 1963, na cidade de Angicos, no Rio Grande do Norte, Freire participava do movimento popular para a alfabetização e da Campanha Nacional de Alfabetização no Governo do presidente João Goulart, e sua principal orientação naquele momento fundamentava-se em:

Educar criticamente as massas brasileiras através do ensino. A alfabetização não podia ficar parada em la-le-li-lo-lu. Eu digo que a leitura do mundo

precede sempre a leitura da palavra. Antes de saber ler, a criança já lê o mundo em função da sua cultura. Ela olha o céu, e sabe se vai chover ou não, e isso se chama leitura. Crítico ou ingenuamente, antes de ler a palavra, a gente lê o mundo. Outra preocupação minha era a não neutralidade da alfabetização. A prática docente não é neutra. Essas afirmações que são fundamentais do ponto de vista de uma filosofia da educação eram alguns dos princípios que eu colocava na época, como por exemplo, de que ninguém ensina linguagem. Nós produzimos a linguagem socialmente e, se isso é verdade, a palavra com que a gente deflagra o aprendizado para o analfabeto não pode ser do educador, mas a palavra do analfabeto. As cartilhas dos analfabetos propunham a leitura de palavras e frases da sua experiência cultural (Sena, 1995, p. 3).

A teoria e a prática pedagógicas de Paulo Freire começaram a ser reconhecidas mundialmente a partir de 1970, influenciando o exercício da pedagogia no Brasil, Chile, México, Estados Unidos, Canadá, as campanhas de alfabetização na Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Granada, Nicarágua e México, além de programas de educação de adultos na Tanzânia (Universidade de Dar es Salaam) e África do Sul (Torres, 2001, p. 36).

Devido ao contexto da ditadura civil-militar no Brasil (1964-1985), em 1970, Freire já se encontrava vivendo no exílio e havia escrito *Educação como prática da liberdade* (1967), uma compilação de ideias publicadas em artigos e em sua tese de doutorado – *Educação e atualidade brasileira* (1959) – na qual apresenta o conteúdo de sua visão pedagógica e de seu método de ensino; e *Pedagogia do oprimido* (1968), que foi publicado primeiramente em inglês e espanhol, no qual Freire defendia uma pedagogia revolucionária, que tinha por objetivos a ação criativa e consciente e a reflexão das massas oprimidas sobre sua libertação.

Imagem: Turma em Timon-MA



Fonte: Acervo Paulo Freire

Histórias conectadas, pensamentos convergentes em dois grandes intelectuais

Para o sociólogo e professor Carlos Alberto Torres (1996, p. 118-119), os trabalhos de Freire fundamentam-se em correntes do pensamento filosófico contemporâneo como o existencialismo, a fenomenologia, a dialética hegeliana e o materialismo histórico. O educador Moacir Gadotti aponta como Freire utiliza essas filosofias e em sua análise podemos identificar características comuns entre as obras de Freire e de Martí. Quando fala em nome do

“oprimido”, Freire faz ressoar o pensamento filosófico latino-americano de José Martí que se propaga a partir da margem, que defende a fala do crioulo, do índio e do afro-americano.

Também, assim como Freire, que “para demonstrar suas posições, recorre constantemente a exemplos concretos” (Gadotti, 1996, p. 107), Martí rejeita a filosofia de dogmatismos e entrega seu pensamento ao enfrentamento com a realidade a partir das conjunturas sociais e políticas.

Com a [filosofia] de Hegel e a de Marx, Paulo Freire faz a crítica da religião e da teologia, a crítica da filosofia e da alienação política, social e econômica. Sucessivamente – quase em fases diferentes – Paulo analisa as consequências sociais, políticas e pedagógicas das diversas formas de relação entre os seres humanos. Paulo Freire nos fala em “oprimido-opressor” (anos 50-60), em opressão “de classe” (anos 60-70) e opressão “de gênero e raça” (anos 80-90) (Gadotti, 1996, p. 107).

As primeiras publicações de Paulo Freire surgiram “durante um período de intenso conflito político em que a luta de classes na América Latina adquire força expressiva; por isso o momento histórico é extremamente importante para se entender a popularidade de Freire na América Latina” (Torres, 1996, p. 119). Dentre alguns eventos históricos estão o triunfo e a consolidação da Revolução Cubana (1959-1961) e a instalação do primeiro governo socialista na região (1962); o relativo avanço e consolidação das forças populares – particularmente os sindicatos das classes trabalhadoras e os partidos políticos de esquerda – sob os regimes populistas.

Uma consequência maior desse processo foi o surgimento de movimentos populares revolucionários na América Latina com diferentes expressões e estratégias, de acordo com a experiência histórica de cada país. Por isso, a proposta de Freire para a educação como prática da liberdade – opondo-se ao positivismo e ao pragmatismo educacional então predominantes nos círculos educacionais – e para a pedagogia do oprimido foi naturalmente ouvida e colocada em prática por educadores latino-americanos progressistas (Torres, 1996, p. 119).

Freire foi um dos mais notáveis ideólogos da Teologia da Libertação. Importante na América Latina ao longo de toda a segunda metade do século XX, essa corrente de pensamento consolidou “um estilo próprio de interpretação do marxismo, específico ao cristianismo da libertação” (Barbosa, 2019, p. 156) e, além de Freire, é encontrada em outros reconhecidos brasileiros, como Ivone Gebara, Leonardo Boff e Rubem Alves.

A teologia da libertação constituiu um vasto movimento social que apareceu no Brasil desde o começo dos anos 1960, antes mesmo da aparição dos primeiros livros da nova teologia iniciada por pensadores latino-americanos. O mesmo movimento incluiu setores significativos do clero (padres, freiras, ordens religiosas, bispos), dos movimentos religiosos leigos, como a Ação Católica, a Juventude Universitária Católica (JUC) e a Juventude Operária Católica (JOC), das comissões pastorais, como a Justiça e Paz, a Pastoral da Terra e a Pastoral Operária, e das CEBs. Trata-se de uma ampla e complexa rede que ultrapassou os limites da Igreja como instituição e reuniu, a partir dos anos 1970, milhões de cristãos que partilharam a “opção prioritária pelos pobres” (Löwy, 2007 apud Barbosa, 2019, p. 176)

Por essa razão, outro motivo para a popularidade da obra de Freire na América Latina foi a proximidade entre a sua filosofia educacional inicial e o pensamento católico. Nos anos 1960 e

1970, “a Igreja Católica bem como outras igrejas cristãs entraram num processo de transformação ideológica e de ampliação de seus sistemas e estratégias socioculturais dirigidos à sociedade civil” (Torres, 1996, p. 121). A posição ideológico-política da Igreja ficou registrada nos *Documentos Finais de Medellín*, produzidos na assembleia regional de Bispos em Medellín, Colômbia, em 1968. Para Torres (1996),

a influência do pensamento de Freire é claramente evidenciada no documento sobre educação: “Sem esquecer as existentes diferenças entre os sistemas educacionais de países da América Latina, nossa opinião é de que o currículo, em geral, é muito abstrato e pedante. O método didático tenta transmitir conhecimento ao invés de, dentre outros valores, uma crítica aproximação da realidade. Quando os latino-americanos tentam construir sua própria identidade inseridos num contexto de rico pluralismo cultural, eles se deparam com um sistema educacional uniforme. Sistemas educacionais têm uma orientação econômica dirigida para se possuir bens, enquanto o jovem necessita desenvolver-se através da satisfação e da autorrealização no trabalho e no amor. Nosso pensamento sobre esse aspecto tenta promover uma visão de educação que concorda com o desenvolvimento integral do nosso Continente. Essa educação é chamada de educação para libertação; isto é, educação que permite o aprendiz a ser sujeito de seu próprio desenvolvimento” (Documentos Finales de Medellín, 1968 apud Torres, 1996, p. 121-122).

É perceptível a semelhança entre a linguagem da Igreja e os textos da obra *Educação como prática da liberdade*, onde Freire “desenvolve o conceito de ‘consciência transitiva crítica’, entendendo-a como a consciência articulada com a práxis, por meio do diálogo crítico, a fala e a convivência” (Gadotti, 1996, p. 84). Em 1963, foi oficializada a aprovação do método de alfabetização de Freire pela Conferência Nacional de Bispos no Brasil o qual foi adotado pelo Movimento de Educação de Base (MEB) como seu próprio método para alfabetizar através da telescola, educação à distância, usando televisão e monitores.

José Martí e Paulo Freire compreendem a prática educacional como um meio de libertação das mulheres e dos homens, como garantia de sua existência material e de permanência como sujeitos de sua história, capazes de determinar seus destinos pela consciência política e social sobre a realidade em que habitam.

O engajamento de Martí pela independência de Cuba e de Freire (mesmo no exílio) contra o golpe brasileiro de 1964 se dá pela manifestação de uma pedagogia da liberdade dirigida aos povos oprimidos na América Latina e, no caso de Freire, também em África. Ambos desejam que a prática educativa efetive a participação livre e crítica dos educandos fundamentada na aliança entre as dimensões do sentido e da prática, uma educação para a decisão, para a responsabilidade social e política e contra a alienação dos povos.

À guisa de conclusão

Embora tenham vivido em diferentes séculos, José Martí e Paulo Freire se encontram na contemporaneidade por terem sido homens que se indignaram e lutaram contra a injustiça social, se dedicaram à elaboração de uma pedagogia latino-americana e a favor da escola pública para todos. São pensadores que fazem parte da história da educação popular solidária

à ascensão democrática das massas. Os pensamentos de Martí e Freire abrem espaços para a elaboração de uma pedagogia com pilares na realidade social e cultural para a sua efetivação e sustentação. Ambos idealizaram estratégias para transformar a realidade das populações oprimidas por meio da educação.

As reflexões de Freire e Martí sobre o processo de aprendizagem no qual uma pedagogia se propõe revolucionária nos ensina que o movimento de ensinar e aprender há de ser experienciado como uma partilha em que cada agente busque o diálogo, a pesquisa, a criticidade, elementos construtores da mentalidade democrática.

Quando Freire anuncia que a educação é um ato de amor e, por isso, um ato de coragem, não pode temer o debate, a análise da realidade, não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa, ele nos convida a trocar ideias com o educando. É a proposta antiautoritária que encontra eco na filosofia martiana, que defende uma pedagogia libertária aliada a uma prática e ideologia contra-hegemônicas para a formação de educandos e educadores em todos os lugares, agora e sempre.

Referências Bibliográficas

ACERVO PAULO FREIRE. Disponível em: <https://acervo.paulofreire.org/home>. Acesso em: 21 de dez. 2024.

BARBOSA, Viviane de Oliveira. **Mulheres do babaçu**: gênero, maternalismo e movimentos sociais no Maranhão. Curitiba: CRV/São Luís: Edufma, 2019.

COSTA, Emília Viotti da. Apresentação da coleção. In: AYERBE, Luís Fernando. **A revolução cubana**. São Paulo: Editora Unesp, 2004. p. 6-10.

CUBAN STUDIES INSTITUT. Disponível em: <https://cubanstudiesinstitute.us/this-day-in-cuban-history/january-28-1853-jose-marti-was-born/>. Acesso em: 21 de dez. 2024.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2021.

GADOTTI, Moacir. A voz do biógrafo brasileiro: a prática à altura do sonho. In: GADOTTI, Moacir (org). **Paulo Freire**: uma biobibliografia. São Paulo: Cortez Editora/Instituto Paulo Freire, 1996. p. 69-115.

RODRIGUEZ, Pedro Paulo. A atualidade de José Martí (Prólogo de Pedro Paulo Rodriguez). In: STRECK, Danilo. **José Martí & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. p. 7-9.

SANTOS, Maristela Sena dos. O desafio de ser um educador no Brasil - Entrevista com Paulo Freire. **Rede A de Jornais de Bairro**, São Paulo, 29 jul - 4, ago, 1995, p. 3.

SCHÜTZ, Vitor Aleixo. Breve ensaio sobre as ideias sobre educação de José Martí e Domingo F. Sarmiento. **Revista FAGED**, Salvador, n. 18, p. 49-61, jul./dez. 2010.

STRECK, Danilo. **José Martí & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

STRECK, Danilo. José Martí e o imaginário pedagógico latino-americano – introdução para uma leitura pedagógica. In: STRECK, Danilo (org). **Educação em nossa América**: textos selecionados de José Martí. Ijuí: Editora Unijuí, 2007, p. 13-37.

TORRES, Carlos Alberto. A voz do biógrafo latino-americano: uma biografia intelectual. In: GADOTTI, Moacir (org). **Paulo Freire**: uma biobibliografia. São Paulo: Cortez /Instituto Paulo Freire, 1996.

TORRES, Carlos Alberto. Grandezas y miserias de la educación latinoamericana del siglo veinte. In: TORRES, Carlos Alberto (Comp.). **Paulo Freire y la agenda de la educación latinoamericana en el siglo XXI**. Buenos Aires: CLACSO, setiembre de 2001. p. 23-52. (Colección Grupos de Trabajo de CLACSO).